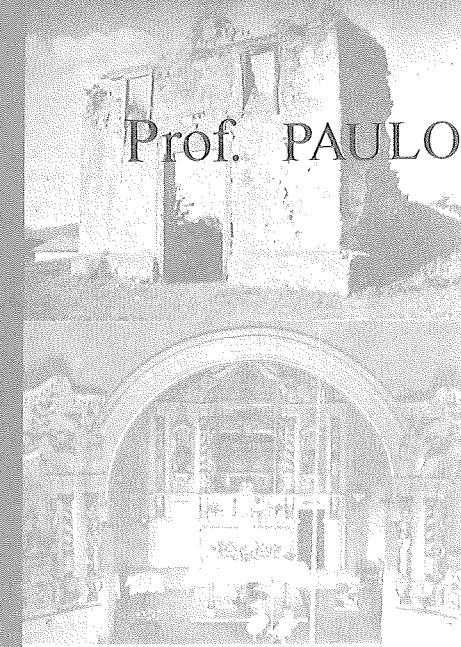
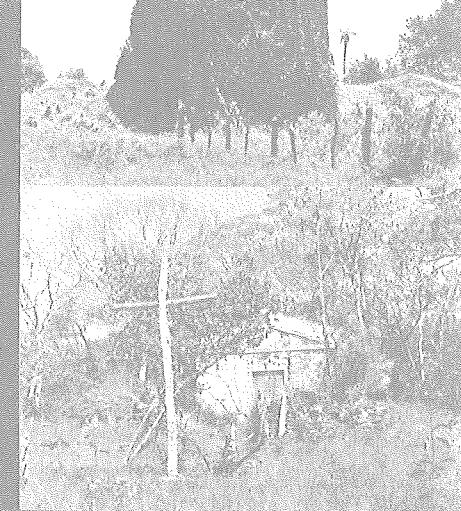


Prof. PAULO BERTRAN



NIQUELÂNDIA 250 ANOS



"Colaboração da
Empresa de Desenvolvimento de Recursos Minerais "Codemin S.A."
na recuperação da memória da cidade de Niquelândia, GO,
nos seus 250 anos"

MINISTÉRIO DA CULTURA
SPHAN / pró MEMÓRIA

Ministério da Cultura
SPHAN – próMemória
Prefeitura de Niquelândia
1985

*Para a Biblioteca
Comunidade de São Leopoldo
oferece
Graça Fleury
Out/2011*

Secretaria de Educação e Cultura
Prefeitura Municipal de Niquelândia
— 250 Anos —
Equipe Dr. Joaquim Tomaz de Aquino

APOIO: Brione Bicca
Ednaura Casagrande
Eliane Santiago



Prof. Paulo Bertran

NIQUELÂNDIA
250 ANOS

Brasília, 1985

AS ORIGENS

O município de Niquelândia em Goiás é (1985) um dos vinte maiores do Estado. A pouco mais de 200 quilômetros ao noroeste de Brasília, seu grande território é duas vezes maior do que o Distrito Federal.

É uma bela região, abraçada em seus limites naturais pelos dois maiores rios formadores do Rio Tocantins: o Maranhão e o Tocantinzinho. Os nomes desses rios guardam duas lembranças: Tocantins por causa dos índios Tucantins (nariz pontudo ou de tucano), que aqui habitavam, e Maranhão, por que, há quase quatrocentos anos atrás os bandeirantes já sabiam que navegando-se por ele abaixo chegava-se em terras do atual Estado do Maranhão.

A paisagem do município de Niquelândia é grandiosa: além desses rios também o Trafrás e Bagagem são rios volumosos, correndo entre grandes serras de recorte agudo que se elevam a mais de 1.400 metros de altitude, como nos pontos culminantes da Serra da Piedade e da Serra do Segredo.

Em torno da cidade de Niquelândia elevam-se a Serra do Cafundó, antiga-mente famosa por suas minas de ouro, e a Serra da Mantiqueira, (que no passado chamava-se Trás da Serra), e que guarda em suas profundezas as maiores minas de níquel do país.

Por causa do níquel é que há mais de 40 anos mudou-se o nome antigo de São José do Tocantins para o atual Niquelândia, ou seja, Terra (em inglês Land) do Níquel. Assim seus cidadãos são conhecidos tanto como **niquelandenses** quanto por **josefinos**, este último nome lembrando a antiga São José do Tocantins.

De fato, quem hoje vê Niquelândia com seus novos bairros, mal crê que há menos de dez anos atrás ainda fosse uma minúscula e pacata cidadezinha, fundada em 1735, na época da mineração de ouro e da descoberta de Goiás...

É a história antiga dessa cidadezinha e de outras que existiram no atual município de Niquelândia que iremos contar aqui, da região famosa no passado como das minas de ouro do Maranhão e do julgado de Trafrás.

Tudo começa com a chegada em Goiás, em 1726, do descobridor de suas minas, o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que na língua dos apavorados índios goiá, contra os quais lutou, quer dizer "Diabo Velho".

Entre os companheiros do Anhanguera havia um certo Manoel Rodrigues Tomar que foi por ele encarregado de descobrir e zelar das minas de Meia Ponte (atual Pirenópolis) e de outras mais que fossem sendo descobertas para os lados dos rios Maranhão e Tocantins. Manoel Rodrigues Tomar (e não Tomaz, como escreviam errado alguns cronistas antigos) era um grande garimpeiro e levava consigo muitos companheiros, além de escravos e índios domesticados.

Descendo e explorando o rio das Almas, que passa por Pirenópolis, um dia em 1730, Tomar e seus companheiros entraram no rio Maranhão, e descobriram ali, maravilhados, a grandiosa Cachoeira do Machadinho. Mais impressionados ainda ficaram, quando lavando os cascalhos do rio com suas bateias, começaram a surgir pepitas e mais pepitas de ouro, numa riqueza jamais vista.

Imediatamente Tomar e seus companheiros montaram acampamento nessas beiras do rio Maranhão, naquilo que foi o primeiro povoado que existiu no município de Niquelândia. Eram as minas de Santo Antônio do Campo do Maranhão.

Sonhando com riquezas ainda maiores os garimpeiros conceberam um plano muito ambicioso para os recursos da época: desviar através de uma vala o próprio rio Maranhão para arrancar o ouro que por milênios as águas sepultaram debaixo das quedas da cachoeira do Machadinho! Esses trabalhos duraram um ano inteiro. No dia finalmente que ficou pronto o desvio, os garimpeiros em sua ânsia por ouro mal notaram que o majestoso rio estava com suas águas muito elevadas e fechando os diques de pedra, esses resistiram apenas umas poucas horas, antes que explodissem e as águas carregassem com tudo. Mesmo assim nessas poucas horas tiraram ouro dali o suficiente para pagar todos os trabalhos de um ano inteiro.

Nessa altura porém uma outra tragédia se abate sobre os garimpeiros: os pobres escravos e índios mal alimentados e agasalhados trabalhavam o dia todo dentro d'água, lavando cascalhos de ouro, construindo diques, derrubando as matas, em meio aos pântanos que se formavam, infestados de mosquitos e de doenças. Logo uma terrível epidemia de febres espalhou-se e dezenas de pessoas morriam todos os dias.

Manoel Rodrigues Tomar e seus companheiros resolveram mudar-se então para 6 quilômetros acima das margens do Maranhão, para um lugar mais alto e saudável, chamado Água Quente, onde a sorte novamente lhes sorriu e brotaram do solo pepitas de até 20 quilos de ouro.

Corria então o ano de 1732. Tomar, absorvido por essas novas descobertas, descuida-se dos negócios das minas de Pirenópolis, de onde era também o capitão nomeado pelo Anhanguera. Assim enquanto andava fora, descobrindo minas no município de Niquelândia, uma rede de intrigas e de mal-entendidos se fez contra sua administração e quando retorna a Meia Ponte encontra-se demitido do seu cargo pelo Capitão General de São Paulo (que então governava as minas de Goiás), Conde de Sarzedas.

Sentindo-se injustiçado quem tantas riquezas retirava das minas do Maranhão e que iam alimentar o luxo da corte de Portugal, Manoel Rodrigues Tomar resolve levar suas reclamações ao Conde de Sarzedas, em São Paulo. O Conde não quiz atendê-lo, ao contrário manda prendê-lo e processá-lo. Recorrendo à justiça da época consegue Tomar ser libertado. Porém sabia-se alvo das perseguições do Conde, e de volta às minas no ano de 1734, enterra-se nos sertões, longe de suas vistas. Descobre então provavelmente as minas de Curixá (no Rio Tocantins, próximas a Porto Nacional), onde porém os índios eram bravios e de tudo havia falta. De lá regressa Tomar no mesmo ano.

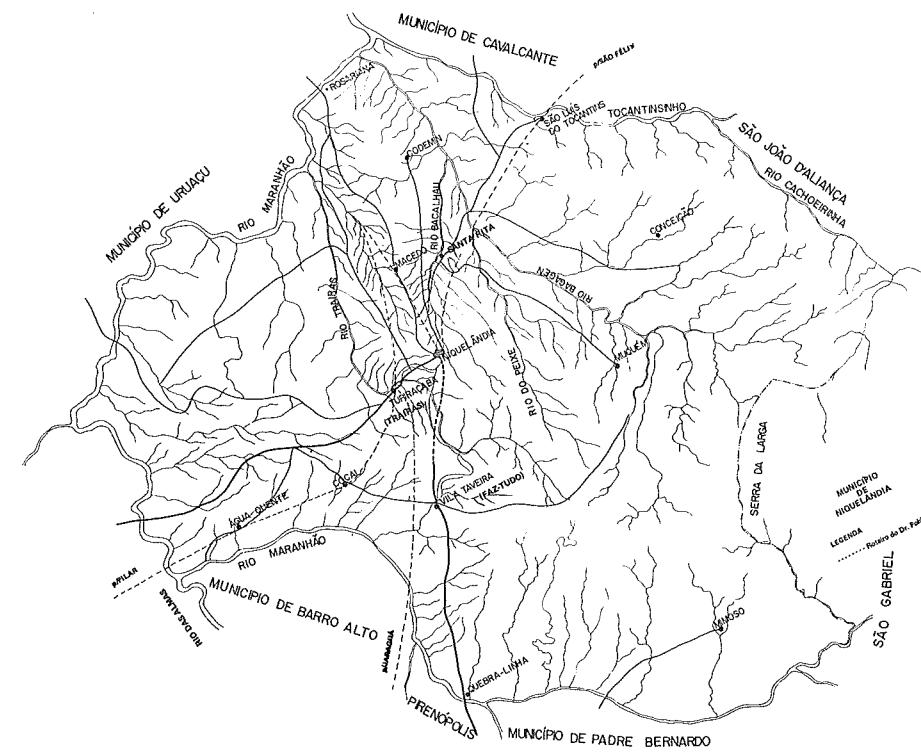
Nesse meio tempo porém as implicâncias do Conde de Sarzedas afastam de Pirenópolis um outro grande minerador, dono de dezenas de escravos, chamado Antônio de Souza Bastos.

Então, em 1735, Souza Bastos e Tomar tornam-se sócios no descobrimento nesse mesmo ano, de dois povoados de ouro que muito os afamaram: Traíras e São José do Tocantins, a nossa Niquelândia. Talvez, se tiver funcionado aqui o antigo costume dos bandeirantes de dar ao povoado o nome do santo do dia da descoberta, Niquelândia é até mais antiga uns meses (São José, em março) do que Traíras (Nossa Senhora da Conceição, em dezembro).

Traíras porém tinha nas suas proximidades minas de ouro mais ricas (Água Quente e Cocal) do que Niquelândia (Santa Rita e Cachoeira) e logo tornou-se um povoado riquíssimo e muito habitado.

Por ironia da sorte, o nosso já conhecido Conde de Sarzedas, que dava ouvidos a tantas intrigas contra os descobridores das minas do Maranhão-Tocantins, homem muito doente, foi forçado a vir de São Paulo a Goiás, para colher os ventos que semeava, e não resistindo aos esforços em 1737 morre em Traíras, sendo sepultado na matriz de N. Sra. da Conceição.

De Traíras, a outrora rica e famosa capital das minas do Tocantins, hoje pouco mais restam do que majestosas ruínas de igrejas e as muitas lendas das grandes riquezas do passado, que de todo acabaram, obrigando as pessoas a irem para as roças e fazendas, outras a mudarem-se para sempre para outros lugares, como Jaraguá e Antas (a futura Anápolis). De Cocal (com suas famosas grutas), Água Quente, Cachoeira, Santa Rita, onde antes existiam os casarões de opulentos mineradores, donos de dezenas de escravos, e igrejas riquíssimas, com altares pintados com ouro em pó, e sinos fundidos com ligas de mesmo metal, hoje resistem apenas, perdidos pelos matos, os alicerces das casas e as pedras das ruas que outrora já foram calçadas. E por toda parte nas proximidades, hectares e mais hectares de restos das antigas minerações, mostram onde o ventre generoso da terra de Niquelândia entregou seu ouro aos primeiros povoadores. Disso tudo, o que o tempo não apagou, o próprio homem se encarregou de destruir. Hoje algumas poucas casas ricas de São Paulo e do Rio de Janeiro ostentam orgulhosamente móveis, santos, peças de ouro e prata vindos das antigas minas do Maranhão, que nosso povo não soube guardar e preservar.



O COMEÇO DE NIQUELÂNDIA

Vamos agora fazer uma viagem no tempo. Vamos atrasar nossos relógios em 131 milhões e 400 mil minutos atrás, isto é, até 250 anos no passado, naquele manhã radiosa em que Manuel Rodrigues Tomar, Antônio de Souza Bastos e seus muitos companheiros pela primeira vez examinaram as areias e cascalhos de um certo córrego Bacalhau e descobriram neles pepitas de ouro reluzindo ao sol. Entre os garimpeiros há um grande júbilo, disparam suas armas pelos ares alertando os outros companheiros do precioso achado da mãe natureza.

Logo os sócios Manoel Rodrigues Tomar e Antônio de Souza Bastos procuram organizar e acalmar seus companheiros e escravos. São eles os donos do novo garimpo e a eles compete distribuir quem fica com o quê nessas minas de ouro.

Assim mandam pessoas de confiança, ou eles próprios vão conhecer cada centímetro do novo descobrimento, saudando-se o aparecimento de novas pepitas com tiros e vivas, enquanto outros escravos levantam ranchos e limpam o terreno.

Durante toda a semana, registram-se novos achados. É hora dos descobridores Manoel Tomar e Souza Bastos procederem a divisão das lavras segundo a Lei da Colônia. Por esta, devem reservar o córrego mais rico para o rei de Portugal.

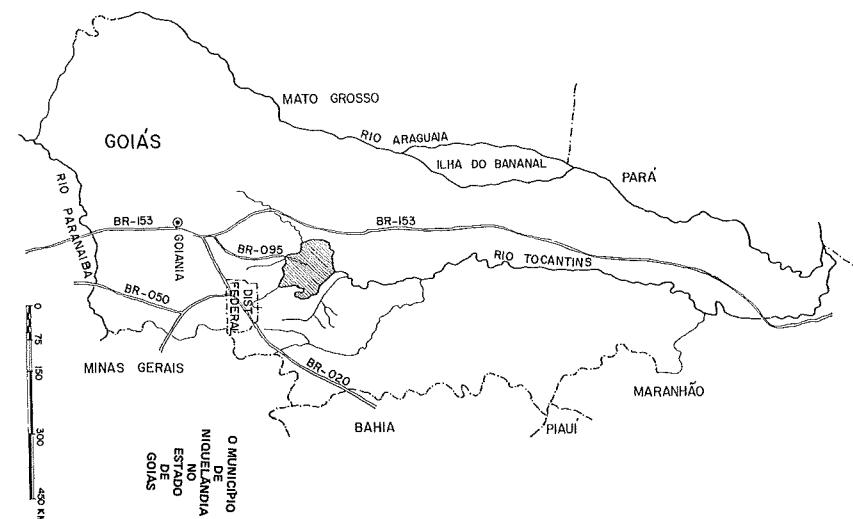
Em seguida era a vez dos dois descobridores fazerem a escolha para si do terreno que lhes parecesse melhor, e de acordo com o número de escravos que cada companheiro tinha, irem distribuindo os córregos e terrenos auríferos. Assim, naquele começo de Niquelândia, já se iam distribuindo terras que às vezes para sempre conservaram o nome de seus donos garimpeiros, por exemplo: para um Custódio as lavras do Morro do Custódio, para um Barradas as minas do córrego Barradas, etc. . .

Já no córrego Bacalhau era diferente. Bacalhau era o nome antigo de uma grossa corda com que se surravam os escravos que não conseguissem extrair mais de 15 gramas de ouro por dia. Era o córrego da riqueza maldita, das torturas, dos donos de escravos que por qualquer razão não queriam ou não podiam ficar muito tempo por ali. Seria o caso de Tomar e Souza Bastos, ambos meio perseguidos pelo Conde de Sarzedas e já ansiosos para começar outros descobrimentos virgens, nos quais o ouro, catado à flor da terra era o mais fácil de encontrar e o primeiro a acabar?

Nunca saberemos isso ao certo. Mas seguramente aos outros mineradores que vieram com Tomar, os descobrimentos de São José agradavam plenamente. Tanto assim que no mesmo ano de 1735, já construíam (talvez no mesmo local da matriz) uma capelinha dedicada a São José, para as orações e para o enterro dos mortos. E aos poucos as palhoças vão sendo substituídas por casas de taipas e chão batido, cobertas de telhas fabricadas ali mesmo, ao invés dos meros ranchos cobertos de palha.



Praça Central de Traíras, vendo-se em primeiro plano o local onde existiu a Casa de Câmara e Cadeia.



O OURO AINDA

São outros tempos porém. Há muito os Tomar e Souza Bastos se tinham ido, o ouro não se catava mais à flor da terra, era preciso buscá-lo cada vez mais fundo ou trazer seu minério de lugares onde não havia água para separá-lo. Montavam-se então verdadeiras "fábricas" de mineração onde trabalhavam dezenas de escravos. Havia muitíssimo ouro ainda, mas para extraí-lo era preciso tempo, perseverança e muito trabalho duro, como os que fizeram nas lavras do Cafundó, numa quantidade impressionante de regos, tanques, açudes, poços, perfurações, etc...

Durante ainda uns cinqüenta anos depois de Tomar, Niquelândia vivia esse clima de trabalhos pesados de mineração, numa tímida cópia da que hoje se faz com o níquel, mas que tiveram efeitos parecidos sobre o crescimento da cidade.

Por essa época de fins do século dos 1700, duas gerações de ricos minadores já tinham vivido e morrido em Niquelândia, e como todos os seres humanos descuidavam-se da vida até que as sombras da morte descesssem.

Então, cheios de medo e de devoção entregavam-se fervorosamente à religião, gastavam fortunas no embelezamento das igrejas onde seriam enterrados. Mandavam vir belíssimas imagens de santos da Bahia e de Portugal, cobriam os altares das irmandades religiosas a que pertenciam com finas pinturas onde, jamais faltava a aplicação de ouro em pó...

Dessa época (1740-1770), data o altar de Nossa Sr. dos Passos da Matriz de Niquelândia, que foi finalmente esculpido e pintado a ouro, até que em ingênuas e santa ignorância há alguns anos resolveu-se restaurá-lo... com tinta a óleo! E dizer que lá por volta de 1820 os altares da matriz de Niquelândia eram considerados os mais belos de Goiás!

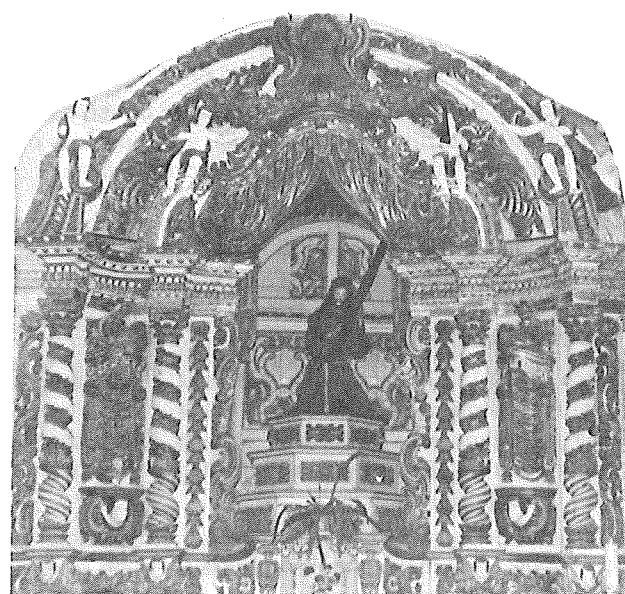
Para se ter idéia de quanto custava trazer esses artistas entalhadores e pintores, basta dizer que em 1761 o entalhador José Carvalho recebeu quase três quilos de ouro para esculpir em madeira o arco de entrada (que nem existe mais) da capela de N. Sr. dos Passos. Quanto não teria custado então o próprio altar?

E não era esta a única igreja de Niquelândia. Nessa época foram construídas mais três igrejas: N. Sra. do Rosário (no local do atual cemitério e que caiu há quase 100 anos), e N. Sra. da Boa Morte, onde funcionou muito tempo a Câmara Municipal de Niquelândia. Esta também caiu lá pelos anos de 1920, e sobre seus alicerces construiu-se parte do grupo escolar J. K, na viela da Boa Morte.

E finalmente, varando os séculos orgulhosamente, temos a igreja de Santa Ifigênia, construída pelos negros há uns duzentos anos atrás, e que foi a única das muitas igrejas de Niquelândia a conservar seu edifício original, muito bem construído e mantido em bom estado por mais de dois séculos pela irmandade dos congos de Santa Ifigênia, uma das últimas tradições autênticas que ainda existe em Goiás, e que deve ser aplaudida e vivamente comemorada na sua passagem pelas ruas da cidade.

As igrejas construídas pelos negros, como as de N. Sra. do Rosário de Luiânia, a do Rosário de Jaraguá, e a do Rosário de Goiás Velho estão entre as melhores conservadas do Estado de Goiás e é preciso que todos ajudemos a manter essa conservação, respeitando sempre o aspecto original desses edifícios.

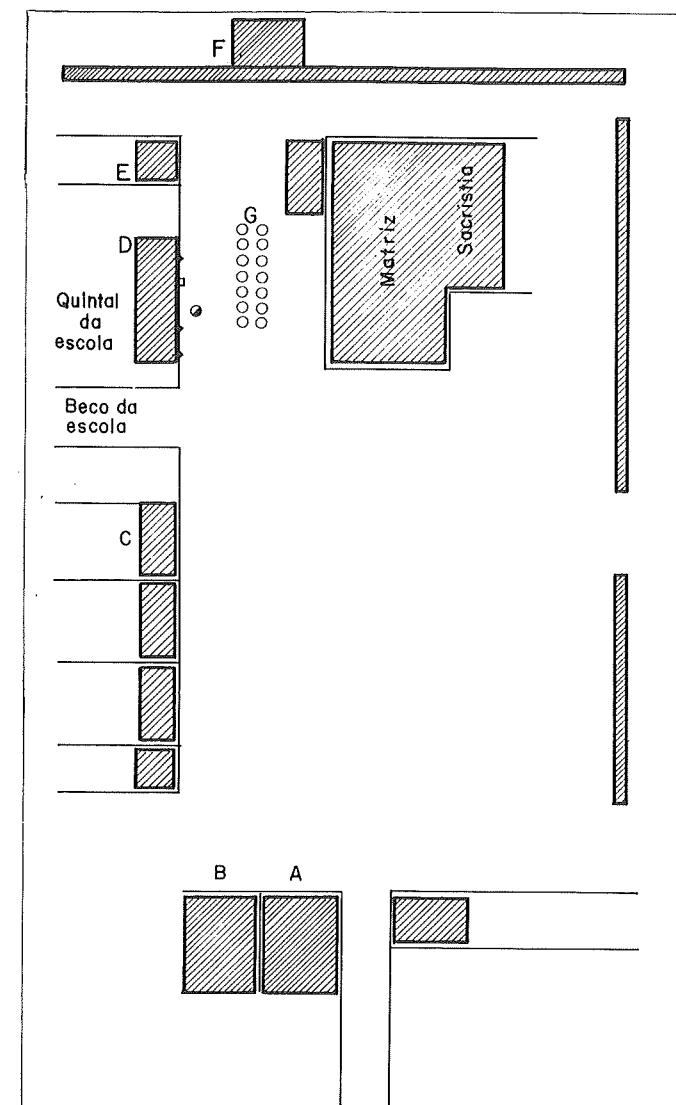
E não apenas das igrejas e casas antigas. Quando por exemplo, toda essa história de Niquel passar, daqui há uns cinqüenta anos, vai ser natural que o serviço do Patrimônio Histórico vá até o Macedo e até à Codemar para solicitar deles que mantenham em bom estado de conservação o que tiver sobrado das atuais usinas, que serão na época, históricos restos de fábricas onde centenas de pessoas viveram e trabalharam.



Altar de Nossa Senhor dos Passos (Niquelândia)

O TEATRO DO CRIME

Largo da Matriz de S. José do Tocantins



- A) Casa do coronel José Joaquim
- B) Casa do capitão Paulo
- C) Casa do dr. Aniceto
- D) Escola, lugar da eleição
- E) Casa contígua
- F) Casa do professor Santiago
- G) Os 14 soldados de linha

- Posição de Pacheco na hora do conflito
- Porta única da escola
- Janelas da escola
- (conforme o Jornal "O GOYAZ" – 17/07/1886)

A CIDADE ANTIGA

Mas voltemos à vida de Niquelândia no passado. Como se mostraria a cidade velha?

Ao que tudo indica, as primeiras casas do povoado foram na famosa Rua Direita, pois ali ficava fácil recolher a água no córrego, enquanto as casas de cima a colhiam de um rego. Durante cem anos a existência de Niquelândia se resumiu à Rua Direita. Nos quatro pontos cardinais da cidade, bem distantes, erguiam-se as Igrejas de São José, de Santa Ifigênia, do Rosário e da Boa Morte, pois os portugueses e bahianos que vieram para o primitivo povoado de São José sabiam que os mortos enterrados nas igrejas deviam ficar bem longe da comunidade, por questões higiênicas, para impedir que as doenças que os mataram, com seus vírus e bactérias viessem até os vivos.

Dessa forma, há duzentos anos atrás, Niquelândia era um curioso povoado de uma só rua notável, a Rua Direita (que tem esse nome justamente por ser a de mais adequada urbanização da época) e quatro igrejas-cemitérios nas suas quatro extremidades. Embora o sepultamento nas igrejas estivesse por lei impedido desde o século XIX, as pessoas continuavam a enterrar seus entes queridos nas igrejas (e os escravos fora delas), ocasionando ao longo do tempo epidemias com dezenas de vítimas que ninguém sabia explicar. Apesar dos cemitérios que o governo havia mandado construir, todos queriam continuar a ser enterrados junto aos pais e avós, nas igrejas.

Nessa época as casas da Rua Direita estavam perfeitamente construídas, uma ao lado da outra, e ocupavam cada qual até à beira do córrego, a comprida faixa de quintais em que os cidadãos plantavam fruteiras e criavam pequenos animais (porcos, galinhas,) que ajudavam no sustento diário.

De uma certa maneira, a maior ou menor antigüidade das casas da Rua Direita, mede-se pela grossura dos portais. Com um palmo ou mais de largura, indicam ser dos primeiros tempos da mineração, quando pelas redondezas ainda haviam grandes árvores de aroeira ou de ipê com capacidade para estejar uma grande casa.

O estilo das construções era dos mestres de obra bahianos: casas altas, sustentadas com grossos troncos lavrados em linha reta, pois não havia nas florestas de cerrado aquela abundância de grossas árvores da floresta atlântica, que permitiam talhar, numa única peça, as arquitraves arredondadas do estilo colonial de Minas Gerais.

Por falta de árvores mais grossas, as fachadas das casas de Goiás de uma maneira geral se restringiram à construção quadrada normal, tão comum na Bahia como em São Paulo da mesma época.

Esses são detalhes porém que interessam à nossa história de Niquelândia, na medida em que as pessoas inteligentes que moram na Rua Direita se empenham em conservar esse verdadeiro patrimônio de casas antigas, para que, por muitos anos sejam cobiçadas e disputadas como preciosidades que jamais existirão novamente.

Deixemos porém que o tempo de muitas vidas e mortes role sobre Niquelândia, pois tudo aos poucos se modifica.

Já falamos antes de Traíras, que foi a orgulhosa, culta e rica primeira capital do município de Niquelândia, que lá pelos anos 1700 estendia seu território desde o rio Tocantins até a ilha do Bananal, no rio Araguaia. A povoação de Descoberto (atual Porangatú), pertencia ao domínio de Traíras, a capital da região das minas do Tocantins.

Pouco a pouco Traíras foi-se esvaziando de população, na medida em que suas minas de ouro também se acabavam. Além disso, no seu extenso município as tribos de índios, naturais da região há milhares de anos, começaram a atacar e destruir fazendas, assim que viram os brancos e seus escravos empobrecidos nas lavras de ouro, que quase nenhum rendimento davam mais.

De fato, por essa época (1790-1810) as antigas "fábricas" de mineração, movidas pelos braços dos escravos africanos, rendiam muito pouco, depois de terem extraído tanto ouro. Famílias inteiras que por mais de 50 anos tinham vivido ali iam embora para os lugares de onde vieram: Bahia, São Paulo, Minas Gerais. Algumas porém optaram por permanecer em Goiás: foram para as regiões de Formosa, de Pirenópolis, de Jaraguá, da futura Anápolis, etc. . .

Passada essa fase em que Traíras quase se acabou, Niquelândia, curiosamente, se enchia de novas famílias, vindas muitas delas do nordeste do Estado de Goiás, da região que compreende Cavalcante, Morro do Chapéu, Arraias e Natividade.

Uma das razões de ter-se mantido Niquelândia enquanto Traíras findava, foi a Romaria do Muquém. Adormecida durante o ano inteiro, a pequenina São José despertava vivamente todo mês de agosto, quando se celebrava a famosa "Festa de Nossa Senhora da Abadia do Muquém".

Nesse mês, durante os últimos duzentos anos, centenas de pessoas de Goiás, da Bahia, de Mato Grosso, de Minas e até do Rio Grande do Sul, se dirigiam a Muquém em pagamento de promessas e devoções. Nessa ocasião aprovei-

tavam para fazer comércio de diversas mercadorias (tecidos, ferramentas, sal, etc) que não havia em Goiás, a troco de gado, solas, peles, malacacheta, ouro em pó, etc, vindos de Niquelândia e do sertão de Goiás, sobretudo do norte.

Muquém começou por volta de 1740, quando alguns escravos fugitivos de Traíras e S. José foram ali presos sem que houvesse mortes, por um capitão do mato. Pesquisando este local, encontrou também ouro. Em graça desses sucessos, construiu ali uma capela dedicada a São Tomé. Alguns anos mais tarde também garimpava ali, sem licença das autoridades para tanto, um português chamado Antônio Antunes. Surpreendido em sua mineração ilegal escapou a um severo processo, pelo fato de não terem as autoridades descoberto ouro nos locais onde antes minerava com sucesso.

Atribuindo isso à sua devoção por N. Sra. d'Abadia, dirigiu-se o português à Bahia, onde adquiriu uma imagem da Santa. Nessa ocasião, trouxe consigo uma grande família de devotos, com o que se iniciou a romaria. Era a família Francisco da Silva, cujos descendentes mais tarde, no século dos 1800, seriam os chefes políticos de Niquelândia.

Entre esses muito se destacou o coronel José Joaquim Francisco da Silva, homem muito rico e respeitado, bem como seu filho Paulo. O coronel José Joaquim foi injustamente chamado por seus inimigos de "Terror do Norte", pois não aceitou a ingerência de um pelotão de soldados que o governo estadual havia enviado a Niquelândia para forçar os resultados de uma eleição em 1886. Os aliados do governo, vendo perdida a eleição tentaram roubar as urnas. Inicia-se então um tiroteio em que morre o tenente do pelotão e o capitão Antônio Martins, amigo do coronel José Joaquim.

Esse lamentável episódio porém não teria maiores consequências sobre o crescimento de Niquelândia.

De fato essa cidade de fazendeiros e comerciantes de uns cem anos atrás, espichava-se bastante. A praça da Matriz estava cercada de casas, onde moravam os coronéis José Joaquim e Benício Taveira e o vigário da matriz, Padre Daniel da Silva Rocha Vidal, vindos de Cavalcante. Antes deles já estavam ali as famílias Santiago, Salgado, Adorno, Zuzarte, Gonçalves de Almeida, Fernandes de Carvalho, etc. Os Fernandes de Carvalho, por razões políticas, saíram de Niquelândia para irem fundar Urucuá, antiga Santana do Maxombombo, em 1910.

Muito antes dessa época contudo a cidade tinha se estendido pela rua da Cruz. Por volta de 1880 o capitão Martins havia construído o sobrado antigo da praça Silva Júnior e dali para baixo a rua do Campo encontrava-se semeada de casas até a igreja de Santa Ifigênia.

Desde 1833 (19 de abril) São José do Tocantins tinha se tornado Vila, e desde esse tempo houve uma escola de primeiras letras, e mais tarde duas: uma de meninos, outra de meninas.

Finalmente, em 1908 foi descoberto o níquel da Serra da Mantiqueira. Durante alguns anos na década de 1930 uma companhia alemã abriu a estrada de

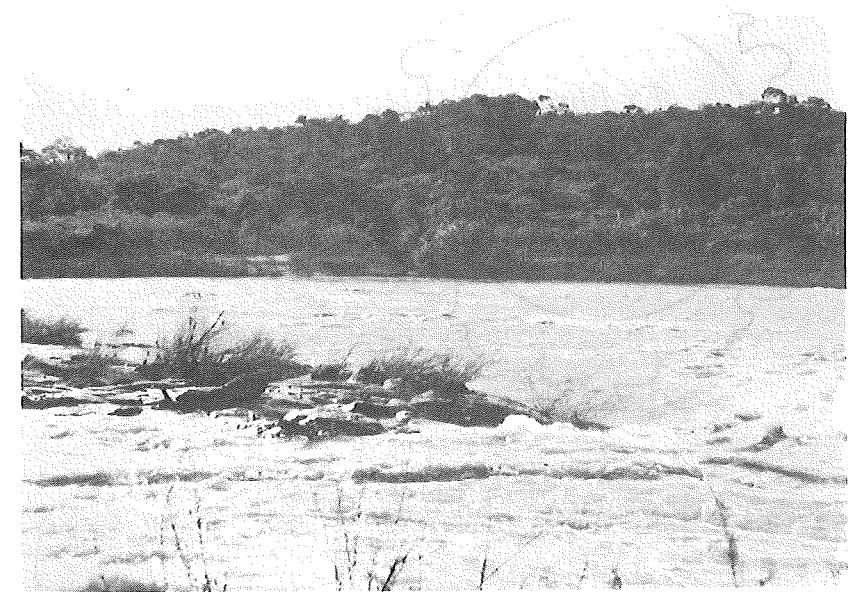
Niquelândia à Anápolis e chegou a exportar níquel pelo porto de Santos. Depois de passar pelas mãos de japoneses e americanos, o níquel do Macedo foi adquirido pela empresa Votorantim.

É porém somente depois de 1980 que Niquelândia começa a atual fase de sua história. Com a inauguração da usina do Macedo e logo depois da Codemin, mais de 2.500 empregos foram criados e a pequenina São José do Tocantins logo passou de 2.000 para 30.000 habitantes, espalhados pelos novos bairros.

É assim que neste ponto nos despedimos do grande passado de Niquelândia e voltamos os olhos para o futuro, confiantes na felicidade da **comunidade josefina**.



Niquelândia – (da esquerda para a direita), – Casas que foram do Cel. José Joaquim e de seu filho Paulo Francisco da Silva e o Sobrado de Delfino Curado



Cachoeira do Machadinho – Rio Maranhão



Niquelândia – Rua Direita

